

A CODIFICAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA DA TEMPORALIDADE VERBAL: TEMPO LINGUÍSTICO E TEMPOS VERBAIS

Ivete Monteiro de Azevedo*

RESUMO: Este artigo resulta de uma pesquisa que objetivou analisar a temporalidade verbal no romance *Boca do Inferno* de Ana Miranda e sua projeção discursiva dentro do texto narrativo, à luz da teoria discursiva da temporalização, a partir do estabelecimento de uma interface entre o romance histórico e a História. Nesse contexto, foi examinada a instalação do tempo no enunciado, a demarcação dos intervalos do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo (simultaneidade, anterioridade e posterioridade) e, ainda, a correlação entre tempo verbal, posicionamento enunciativo e voz enunciativa. Um dos resultados relevantes obtido é a constatação de uma estrutura truncada da temporalidade verbal entre o Pretérito Perfeito e o Imperfeito, tempos que habitualmente expressam o mundo narrado.

Palavras-chave: Temporalidade verbal; teoria discursiva da temporalização; instalação do tempo na estrutura narrativa; romance histórico.

ABSTRACT: This article results from a survey that aimed to analyze the tense temporality in the novel *Boca do Inferno* by Ana Miranda and its discursive projection within the narrative text in the light of discursive theory of verbal tense, from the establishment of an interface between the historical novel and history. In this context, we examine the installation tense in the utterance, the demarcation of tense intervals in which the fact expressed by the verb (simultaneity, anteriority and posterity), and also the correlation between verbal tense, enunciative positioning and enunciative voice. One of the important results obtained is the realization of a truncated structure of tense temporality between the Perfect tense and the Imperfect tense, tenses that ordinarily express the narrated world.

Keywords: Tense temporality; discursive theory of verbal tense; the installation tense in the narrative structure; historical novel.

Professora da UEMG – Unidade Carangola. Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – UFF/Niterói –RJ . E-mail
ivete.azevedo@uemg.br

1 INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de uma pesquisa que objetivou analisar a temporalidade verbal em um gênero textual específico, o romance histórico, *Boca do Inferno* de Ana Miranda (1989), à luz de uma teoria discursiva da temporalização na interface entre Literatura e História.

A expectativa é a de que este estudo possa fornecer um instrumental metodológico que permita analisar o tempo como categoria verbal e a sua projeção discursiva na narrativização. O objetivo central é examinar a instalação do tempo no enunciado, a demarcação dos intervalos do tempo em que se situa o fato expresso pelo verbo (simultaneidade, anterioridade e posterioridade) e a correlação entre tempo verbal, posicionamento enunciativo e voz enunciativa.

Considerando-se que, segundo Nunes (1995, p.27), a narrativa na obra literária dimensiona-se em três planos – o da *história*, do ponto de vista do conteúdo; o do *discurso*, do ponto de vista da forma de expressão, e o da *narração*, do ponto de vista do ato de narrar – optamos por estudar um gênero que interfaceasse essa tríade: o *romance histórico*, gênero da narrativa histórica ficcional, “[...] caracterizado pela reconstrução, com enredo fictício, dos costumes, da fala e das instituições do passado, numa mistura de personagens históricos e de ficção”¹ em um cenário de transformações sociais, políticas e econômicas.

Um dos aspectos singulares do romance *Boca do Inferno*, na avaliação de Moraes (2003, p.98), é a ambivalência constitutiva no mundo da ficcionalidade: esse romance assemelha-se tanto a uma narrativa biográfica (relato da fala de personagem, vida de um poeta desregrado, o Gregório de Matos), quanto a uma narrativa histórica (relato de acontecimento, recriação histórica da ambiência e da época colonial), instaurando, assim, uma duplicidade entre o discurso da ficção e o da história. Nesse romance, o questionamento que se faz sobre a autoridade e sobre a objetividade do discurso histórico depende da existência desse discurso que lhe serve de instrumento:

É esse enfoque discursivo ambivalente do narrador que utiliza o tempo verbal da história narrativa e adota o ponto de vista do poeta Gregório de Matos sobre a história que tornou instigante o estudo da temporalidade no enquadre proposto.

O estudo sobre a expressão do tempo e a projeção discursiva de suas marcas no romance *Boca do Inferno*, levou também em conta, o fato de esse romance dualizar a identificação da temporalidade narrativa ficcional (ponto de vista e voz enunciativa) e a temporalidade histórica (tempo dos acontecimentos, congelado na história), permitindo, assim, estabelecer uma correlação entre as duas formas de expressão da temporalidade (emprego dos tempos e modos verbais).

Cujos objetivos visaram, pois, a observar:

¹ENCICLOPÉDIA Britannica do Brasil, 2007, p. 3. Disponível em <<http://orbital.starmedia.com/~stargate2/romance.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2007.

- (i) o jogo de interferências entre os tempos do narrador e os tempos dos personagens, ou seja, do posicionamento, foco ou ponto de vista da narração (cf. NUNES, 1995, p. 76): narrativa em 1ª pessoa, criando um efeito de subjetividade (narrador-protagonista = locução interpessoal e subjetiva do discurso dos personagens), e, em 3ª pessoa, criando um efeito de sentido de objetividade ou de neutralidade (narrador onisciente= locução impessoal, objetiva da narração dos acontecimentos); (cf. FIORIN; SAVIOLI, 1998a; RICOEUR, 1997b, p. 149-160; FRIEDMAN, 1967);
- (ii) a perspectiva comunicativa com a qual nos orientamos no mundo comentado e no mundo narrado (cf. WEINRICH, 1968, p. 61-80; RICOEUR, 1997a, p. 7-10) e a perspectiva da locução, isto é, dos tempos, modos e vozes dos verbos (NUNES, 1995, p.76);
- (iii) as categorias tipológicas do momento da enunciação (cf. FIORIN, 2002, p.142-148; CORÔA, 2005, p. 11-12; ILARI, 1997, p. 13-24): concomitância (simultaneidade) vs não-concomitância (anterioridade vs posterioridade);
- (iv) os mundos discursivos, sinalizados através da organização do conteúdo temático, (desenvolvido nos intróitos, nos capítulos e nos epílogos), dos planos da enunciação com e sem embreantes¹ e do posicionamento enunciativo: grau de envolvimento do narrador (enunciado embreado, com marcas de envolvimento do narrador, cf. MAINGUENEAU, 2001a, p. 113; MAINGUENEAU, 2001b, p.50; enunciado não-embreado (distanciamento do narrador, cf. MAINGUENEAU, 2001a, p. 113; 2001b, p. 50; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 181-182); vozes enunciativas das personagens (presença detectável de um discurso outro ao longo do texto, cf. MAINGUENEAU, 2001b, p. 78-79); inscrição espaço-temporal (sequências descritivas e narrativas da ambiência sócio-histórica em que se inscrevem as ações ou eventos históricos, cf. BRONCKART, 199, p.152).

2 HISTÓRIA E LITERATURA: POSSÍVEIS INTERFACES

Ao se tratar do discurso historiográfico não se pode deixar de mencionar a conflituosa relação existente entre História e Literatura. As controvérsias dessa relação (AGUIAR, 1987, p. 107-114) se ancoram nas discussões sobre o quanto há de artístico e de científico dentro do discurso histórico e, assim também, sobre a existência de uma orientação teórico-ideológica atribuída ao discurso histórico, uma vez que o pensamento tradicional que trata da História na perspectiva de ciência tem perdido espaço para as abordagens mais diversificadas, tanto que há quem questione o forte componente literário presente na configuração do texto historiográfico.

História e Literatura, inicialmente, eram consideradas como detentoras de uma mesma função – narrar a experiência e o acontecido com o objetivo de orientar

¹ SIMONIN-GRUMBACH. J. Pour une typologie des discours. In: KRISTEVA. J. (Éd.) et. al. **Langue, discours, société**. Paris: Seuil, 1975. Embreantes, também denominados de elementos dêiticos, dêiticos, ou, às vezes, elementos indiciais, são os elementos que, no enunciado, marcam a embreagem, conjunto de operações pelas quais um enunciado se ancora na sua situação de enunciação

e elevar o homem. Esse vínculo entre História e Literatura foi sendo desfeito, pois, por várias vezes, houve tentativas de se opor uma a outra. Esse movimento objetivava não só ocultar, mas, também, não reconhecer as semelhanças existentes entre o estilo e o conteúdo que caracterizavam a História e a Literatura.

A partir da segunda metade do século XIX, segundo Silva Júnior (2006, p. 59), iniciou-se a crise do conhecimento histórico, acompanhada de um certo enfraquecimento da ideologia positivista e de outras correntes afins, que primavam pelo caráter científico da historiografia produzida pelo historiador. Além disso, outros fatores contribuíram para essa crise, como a necessidade de conferir maior autonomia e especificidade ao instrumental metodológico inerente à Literatura. Esses fatores fizeram-se presentes tanto nas obras historiográficas quanto nos questionamentos dos historiadores que se mostravam contrários ao modelo cientificista imposto pela escola tradicional às práticas historiográficas.

Para Silva Júnior², a imposição acadêmica, associada à rigidez disciplinar e ao caráter científico a que eram submetidos os historiadores no século XIX e que perdura nos dias atuais, deu lugar a uma flexibilização que possibilitou com que outras áreas do conhecimento, como a Antropologia, a Economia, a Psicologia, a Sociologia e a Literatura passassem a ser adotadas por alguns historiadores como subsídio para as pesquisas realizadas e, também, como recursos interpretativos dos acontecimentos históricos estudados.

Para Weinhardt (2007, p. 285), o discurso histórico e o ficcional são próximos, mas não se confundem. Quando um permeia o outro, perde sua identidade originária para assumir o estatuto do outro. Essa autora, entanto, considera que a verossimilhança da ficção não é a mesma da história. Para ela, é verossímil aquilo que se constrói como verdade. O ponto axial da questão, portanto, gira em torno da aceção de verdade.

Contudo, é importante enfatizar que o romance histórico se serve de fontes documentais do próprio discurso historiográfico, ainda que evocados ou eventualmente colados ao discurso ficcional. Ao serem apropriados pelo ficcionista, os documentos não desempenham as mesmas funções que lhes são atribuídas pelo historiador, já que o ficcionista lhes confere atributos literários e estéticos ao se apropriar de eventos e personagens históricos, instaurando um discurso sobretudo intertextual. Nesse aspecto, podemos invocar a visão de Bakhtin (1992, p. 314): “[...] Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras dos *outros*, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado”. Se o traço definidor do discurso romanesco é a confluência de muitos discursos, este traço parece geralmente mais evidente no romance histórico. Nele há o discurso do historiador, o do antropólogo, o do sociólogo, o do jornalista, o do etnógrafo.

3 NOÇÃO DE TEMPO

Fiorin (2002, p. 127-142), em instigante estudo sobre o tempo, traça um breve panorama sobre algumas questões filosóficas concernentes à noção do tempo. O aspecto de relevo é o papel atribuído à linguagem na mensuração do tempo. Senão vejamos.

² Op. cit., p. 59.

A inquirição sobre o tempo é uma das tônicas do pensamento humano, até porque pensar o tempo é uma forma de ocupar-se da efemeridade da vida e da certeza da morte. Foi essa preocupação, que mais tarde, instituiu um mito, denominado *Chronos*, cuja divinização remete à importância conferida ao tempo nas teogonias³ órficas⁴, que o caracterizavam de imortal e imperecível. Esse princípio de unidade e permanência foi contraposto ao tempo humano, tipificado pela instabilidade e destruição.

Depois das consagrações mitológicas, vieram as concepções filosóficas. Pensadores como Aristóteles (1999) e Santo Agostinho (1989) como muitos outros filósofos, debruçaram-se sobre a complexa temática do tempo. Aristóteles o estudou sob o ponto de vista físico, em contraposição a Santo Agostinho que o examinou sob o ponto de vista de um fenômeno, sem suporte cosmológico, mas com afinidades ao espírito humano.

Para Aristóteles (1999), é a percepção do movimento que nos proporciona a percepção temporal, já que o tempo está relacionado ao movimento. Logo, o tempo não existe sem a mudança, nem sem o movimento: sua medida está inserida na anterioridade e na posterioridade das ações. O tempo tem suporte cosmológico, pois está imbricado nos preceitos da Física, que considera o tempo um processo quantitativo, expresso por grandezas. A determinação do tempo é definida pela matéria.

Esse postulado é retomado por Santo Agostinho (op. cit.), para quem o passado não tem ser, porque não é mais, o futuro, porque ainda não é, e o presente, porque não permanece. O presente é comparado com a eternidade: se ele fosse sempre presente e não transitasse para o pretérito, já não se poderia dizer que seria tempo, todavia eternidade..

Para Ilari (1997, p. 10), a expressão de tempo continua sendo um tema de grande complexidade, como já postulavam no passado os estudiosos.

Segundo Corôa (2005, p. 30), a mudança dos fatos no mundo biofísico, como a língua os descreve, através do uso da flexão gramatical, sugere uma prioridade ontológica do presente, o que acarreta uma diferença fundamental entre passado e futuro: aos enunciados sobre passado são atribuídos um valor de verdade, enquanto os enunciados sobre futuro carecem dessa atribuição.

3.1 O tempo nos verbos

Para Corôa (op. cit, p. 33), não são poucas as línguas que incorporam o conceito de palavra temporal ao verbo. Nas línguas românicas, em especial, o verbo é tão diferenciado pelos morfemas temporais que o falante/ouvinte pode se situar temporalmente quanto ao desenvolvimento das ações, eventos ou processos, sua

³ INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS . **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2696. 1. nas religiões politeístas, narração do nascimento dos deuses e apresentação da sua genealogia; 2. conjunto de divindades cujo culto fundamenta a organização religiosa de um povo politeísta; origem ou genealogia dos deuses.

⁴ Ibid., p. 2078. Trata-se de festas que, na Antiguidade, eram realizadas nas confrarias órficas em homenagem ao deus grego Dionísio.

ordenação e sua posição com respeito a si mesmo. O termo *tempora*, a rigor, não se aplica apenas ao verbo em português. Advérbios, conjunções, numerais e adjetivos são elementos lexicais que também dão informação quanto à ordenação temporal. Mas os verbos, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, são a categoria que mais comumente assumem a tarefa de situar o tempo e o processo da comunicação.

Para Cunha (1985, p. 253), “[...] verbo é a palavra que exprime um fato (ação, estado ou fenômeno) representado no tempo”. O *tempus*, por sua vez, é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Nas definições de Melo (1970, p. 134): “[...] O verbo é a palavra dinâmica que exprime ação, fenômeno cambiante e, esporadicamente, estado ou mudança de estado. O nome situa os seres no espaço e o verbo, no tempo”. Para Câmara Jr. (1970, p. 88), não se separa tempo verbal de modo: “Aquele se refere ao momento da ocorrência do processo, visto do momento da comunicação. Este, a um julgamento implícito do falante a respeito da natureza, subjetiva ou não, da comunicação que faz”.

Reichenbach (1947, p. 287-288), diferentemente dos teóricos citados e de suas definições sobre a categoria lingüística verbo, não define diretamente o verbo. Seu foco de análise são os *tempora* verbais focados em torno de três eixos temporais: *momento do evento* (ME), *momento da fala* (MF) e *momento de referência* (MR).

3.2 Tempo físico e tempo psicológico

Há, com efeito, um tempo específico da língua, mas antes de defini-lo, consideramos importante distinguir duas noções distintas do tempo:

O *tempo físico*, segundo Benveniste (op. cit., p. 71) é um contínuo uniforme, infinito, linear, segmentável à vontade. Cada indivíduo o mede pelo grau de suas emoções e pelo ritmo de sua vida interior.

Do *tempo físico* e de seu correlato psíquico, a duração interior, devemos distinguir o *tempo crônico*, o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos.

A vida tem, portanto, pontos de referência que situamos exatamente numa escala reconhecida por todos.

No *tempo crônico*, o que denominamos “tempo” é a continuidade em que se dispõem em séries estes blocos distintos que são os acontecimentos. Porque os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo, exceto o próprio tempo. O *tempo crônico*, como o *tempo físico*, comporta uma dupla versão, objetiva e subjetiva.

O *tempo físico*, segundo Nunes (1995, p. 19), se traduz em mensurações precisas, que se baseiam em parâmetros constantes para o cômputo da duração.

Na narrativa, a ordem temporal e a ordem causal se distinguem, mas dificilmente se dissociam. Barthes (2004) observa que a narrativa estabelece “[...] uma confusão entre a consecução e a consequência, o tempo e a lógica”.

O *tempo psicológico* se compõe de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se. O passado indistinto do presente abrange os sentimentos e as lembranças.

Benveniste (1989, p. 71) distingue *tempo físico*, *tempo psíquico* e cronológico. O *tempo cronológico* é considerado pelo linguista como o tempo dos acontecimentos, englobando a nossa própria vida. E está associado a movimentos naturais recorrentes, como os cronométricos mencionados anteriormente. Por estar ligado ao *físico*, firma o sistema de calendários. À cronometria acrescenta a ordem das datas a partir de acontecimentos qualificados, que servem de eixo referencial (nascimento de Cristo, por exemplo), anterior ou posteriormente ao qual, outros acontecimentos se situam.

O *tempo histórico* representa a duração das formas históricas de vida, e podemos dividi-lo em intervalos curtos ou longos, ritmados por fatos diversos. Os intervalos curtos do *tempo histórico* se ajustam a acontecimentos singulares: guerra, revoluções, migrações, movimentos religiosos, sucessos políticos. Os intervalos longos correspondem a uma rede complexa de fatos ou a um processo (formação da cidade grega, desenvolvimento do feudalismo, advento do capitalismo, por exemplo).

As divisões cronológicas do *tempo histórico* se redistribuem em unidades qualitativas, que dependem da duração dos acontecimentos, tanto quanto essa duração é inseparável da conexão causal entre eles.

4 ENQUADRE METODOLÓGICO

Como parâmetro metodológico, postulei e testei, por amostragem, um quadro categorial, visando a demonstrar sua aplicabilidade e produtividade no romance histórico em exame. A expectativa era de que, em face dos resultados colhidos, o quadro categorial proposto pudesse servir como uma matriz referencial para outros estudos sobre a expressão da temporalidade em romances históricos.

Postulei, assim, um grupo de fatores que foi testado em todos os 5 intróitos, alguns subcapítulos dos 5 capítulos e em todo o epílogo.

A aplicação dos grupos de fatores obedeceu aos seguintes passos metodológicos:

- (i) localização na divisão episódica: intróitos, capítulos com excertos de subcapítulos e epílogo;
- (ii) confronto entre a análise da expressão da temporalidade nos intróitos, nos capítulos e seus subcapítulos e no epílogo;
- (iii) análise qualitativa dos resultados, com base nos objetivos e nas hipóteses relativas a cada grupo de fator.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados ocorreu em três partes distintas da obra *Boca do Inferno*: os Intróitos, os Capítulos e subcapítulos e o Epílogo. Os Intróitos foram em

seu todo analisados, os Capítulos e subcapítulos foram analisados em parte e o Epílogo, também, no seu todo.

(1) SITUAÇÃO COMUNICATIVA (mundo comentado/mundo narrado):

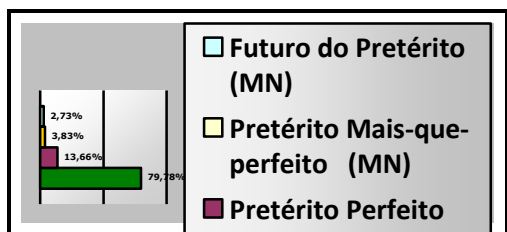


Gráfico 1- Situação Comunicativa

Os verbos do mundo comentado (MC) são: o presente, o futuro do presente, o pretérito perfeito composto e todos os demais auxiliares em que esses tempos se codificam; os verbos do mundo narrado (MN) são: pretérito imperfeito, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito todos os demais auxiliares em que esses tempos se codificam.

Nesse grupo de fator, os resultados atestam que não houve ocorrência para a codificação do mundo comentado.

No **mundo narrado**, o tempo verbal mais frequente foi o **pretérito imperfeito** (146/183=**79,78%**), seguido do pretérito perfeito (25/183=13,66%), do pretérito mais-que-perfeito (7/183=3,83%) e do futuro do pretérito (5/183=2,73%). Nas locuções verbais, a relevância pôde ser percebida nos **auxiliares acurativos**, especificamente, com verbos, também, no **pretérito imperfeito do indicativo**, cujo percentual foi de (10/12=83,34%, cf. Tabela 1).

Com base nos resultados apurados, constatamos que, nos Intróitos, o tempo verbal predominante foi o **pretérito imperfeito** do modo indicativo, a modalidade categórica, uma vez que o *pretérito imperfeito* e o *pretérito perfeito* são os tempos característicos da narrativa.

Além disso, constatou-se que, nos Intróitos, a incidência do **pretérito imperfeito** está associada à condição do narrador, que transita pela narrativa historiográfica e pela narrativa ficcional. Em meio a essa ambivalência, encontra-se, também, o leitor, levado por esse narrador para os meandros da história, visto que, ao longo da narrativa, percebe estar sendo contextualizado por um narrador que se apresenta como um historiador. Entretanto, esse narrador, após ganhar a confiança do leitor, aproveita dessa confiabilidade e passa a recriar os fatos através da imaginação. A partir daí, desponta-se outro narrador, o contador de história (cf. MORAIS, 2003).

(2) TIPO DE SEQUÊNCIA NA INSCRIÇÃO ESPAÇO-TEMPORAL (descritiva/ narrativa)

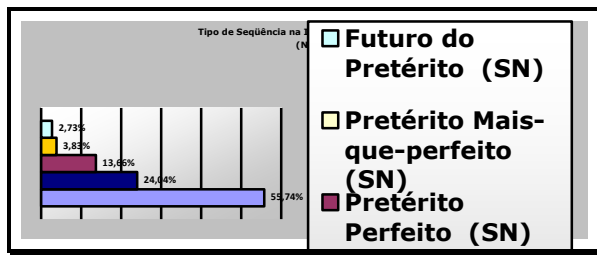


Gráfico 1- Tipo de Sequência na Inscrição Espaço-Temporal nos intróitos de Boca do Inferno

As seqüências descritivas são codificadas pelos verbos no *presente* e no *pretérito imperfeito* do modo indicativo, que, nesse tipo de seqüência é considerado, também, de imperfeito pitoresco (cf. IMBS, 1968, p. 92), ambos próprios dessas modalidade de seqüência.

Já as seqüências narrativas são codificadas, também, pelo *pretérito imperfeito*, *pretérito perfeito*, *pretérito mais-que-perfeito* e *futuro do pretérito*, todos do modo indicativo.

Os resultados apurados para análise desse fator foram os seguintes:

- para as seqüências descritivas, a predominância foi para o **pretérito imperfeito**, que é o tempo **próprio da descrição** (102/183=55,74%). Não foram detectadas ocorrências do *presente do indicativo* com características descritivas.
- e, para seqüências narrativas tivemos a preponderância, também, do **pretérito imperfeito**, denominado de imperfeito narrativo (cf. FIORIN, 2002, p. 200), quando este se apresenta com características narrativas, (cf. Fator 2) em (44/183=24,04%), seguido pelo pretérito perfeito (25/183= 13,66%), pelo mais-que-perfeito (7/183=3,83%) e pelo futuro do pretérito (5/183=2,73%).

Nessa parte da obra, o tipo de seqüência na inscrição espaço-temporal que mais preponderou foi a **seqüência descritiva** com um percentual relevante para o *pretérito imperfeito* (55,74%) como um tempo próprio da descrição.

A preponderância da seqüência descritiva já era esperada, em razão do gênero textual, romance histórico. Nessa modalidade, a descrição figura como o principal instrumento de que o romancista se vale para caracterizar personagens, objetos e aspectos relativos ao espaço geográfico e histórico-sociológico no qual ocorreram os episódios. Além disso, a descrição é vista, em parte, como o olhar do narrador, o qual pode se dar de forma menos subjetiva, quando descreve o que realmente presencia e, de forma mais subjetiva, quando descreve com intenções enunciativas (cf. seção 1.2, p. 26).

Vejam o excerto (1) exemplo de seqüências descritivas:

- (1) “A casa onde *funcionava* a Relação era ampla. Da janela *podiam-se* ver as liteiras e serpentinas passando, entre gentes e animais. As paredes *eram* escuras e cheias de rachaduras, o chão coberto de sujeira e papéis, as tábuas foscas *tinham* buracos. No primeiro andar *ficavam* as salas de espera e de audiência. No, mais limpo e bem-cuidado, a sala de reunião da Grande Mesa e salas dos desembargadores. No terceiro, os processos *amontoavam-se*,

jogados uns sobre os outros, sob uma camada de poeira de quase uma polegada; teias com insetos capturados *balançavam* suavemente ao vento fresco e brando.” (MIRANDA, 1989, p. 241)

(3) MODOS DO DISCURSO (*realis/irrealis*)

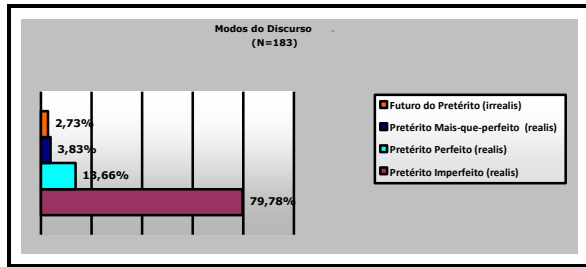


Gráfico 2- Modos do Discurso nos intróitos de Boca do Inferno

Relembre-se que o modo *realis* é codificado pelo *presente*, *pretérito imperfeito*, *pretérito perfeito* e *pretérito mais-que-perfeito* do modo indicativo. O modo *irrealis*, pelo *futuro do presente* e do *futuro do pretérito*, tempos simples do modo indicativo.

No modo *realis*, o tempo verbal que se apresentou preponderante, nos Intróitos, foi o **pretérito imperfeito** com (146/183=**79,78%**), seguido pelo pretérito perfeito (25/183=13,66%) e pelo pretérito mais-que-perfeito (7/183=3,83%).

No modo *irrealis*, o *futuro do pretérito* exibiu 5/183=**2,73%**; não houve ocorrência no futuro do presente.

Diante dos resultados, constatamos que, nos Intróitos, o modo *realis* foi o preponderante, totalizando (**97,27%**) das ocorrências apuradas entre os dois modos. Tanto que a predominância do *pretérito imperfeito*, também, nesse fator, reitera a proposição do narrador de que se falou em **(2) situação comunicativa, mundo narrado**, ao se aproximar do leitor e ganhar sua confiança, diante do que narra, tal confiança está associada aos relatos que faz dos **fatos** ou **eventos factuais**. O objetivo que se pretendia com esse fator foi alcançado, já que os tempos detectados nos Intróitos determinaram as proposições, relativas ao modo *realis*.

Vejam no excerto (2) um exemplo de modo do discurso *realis*:

- (2) “Um galo cantou. Esbranquiçada, a luz da manhã penetrava pela fresta fina e horizontal no alto da parede da prisão onde os conspiradores se encontravam. A luz não chegava ao chão e os homens sentados mal podiam ver uns aos outros. A ração de azeite de três vinténs era pouca para toda a vida, a tigela de barro vidrado com um bico, como uma candeia, fora apagada.

Com os conspiradores estavam mais quatro prisioneiros. Um assassino, dois ladrões, um herético. Além dos presos ali habitavam também alguns ratos. O aspecto dos homens demonstrava o tempo que havam permanecido enxovia; os que estavam há mais tempo, mais magros e cinzentos, cabelos e unhas mais longos e sujos.” (MIRANDA, 1989, p. 131)

(4) MOMENTOS ESTRUTURAIS CONSTITUTIVOS DO SISTEMA TEMPORAL

(anterioridade, simultaneidade e posterioridade)

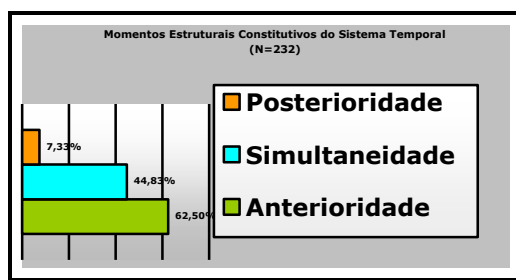


Gráfico 3- Momentos Estruturais Constitutivos do Sistema Temporal nos intróitos de Boca do Inferno

Neste grupo de fator, para a análise dos momentos estruturais, levamos em conta o total dos verbos em todo os tempos e modos, simples ou compostos (N= 232):

- **anterioridade**: codificada com $145/232=62,50\%$;
- **simultaneidade**: codificada com $104/232=44,83\%$;
- **posterioridade**: codificada com $17/232=7,33\%$.

Nesse fator, o momento estrutural constitutivo do sistema temporal, a *anterioridade*, foi o preponderante ($145/232=62,50\%$).

O objetivo, aqui, também, foi alcançado, posto que se pretendia correlacionar os três momentos (anterioridade, simultaneidade e posterioridade) com o modo, tempo, voz verbal e a situação comunicativa, mundo narrado e mundo comentado.

No excerto (3), temos um exemplo do momento estrutural constitutivo do sistema temporal que se apresentou nos intróitos:

Anterioridade

- (3) “O código que regia as tramitações do direito na colônia, o mesmo de Portugal, era uma recompilação das *Leis extravagantes* de direito canônico e das *Ordenações afonsinas e Manuelinas*. Esse sumário resultou nas *Ordenações filipinas*, assim chamadas por terem sido publicadas no tempo de Filipe I de Portugal – e III da Espanha.

Os juriconsultos brasileiros, ouvidores e procuradores, os corregedores, bacharéis, desembargadores, juizes, viviam numa conjuntura sombria e atrasada. Predominava uma mistura incoerente de princípios romanísticos, barbáricos e canônicos. O direito variava entre regras de viver e a definição do pecado.” (MIRANDA , 1989, p. 241)

O fato narrado no passado através dos pretéritos imperfeitos (*regia, era, viviam, predominava e variava*), do perfeito (*resultou*) e do infinitivo pessoal pretérito (*terem sido*) indicam uma concomitância em relação ao marco temporal pretérito, porque o pretérito imperfeito (*regia*) expressa uma ação pretérita concomitante à ação de *resultou* no pretérito perfeito.

(5) PONTO DE VISTA DA NARRATIVA

(narrador onisciente intruso, narrador onisciente neutro, narrador-testemunha, narrador-protagonista, onisciência seletiva múltipla e onisciência seletiva)

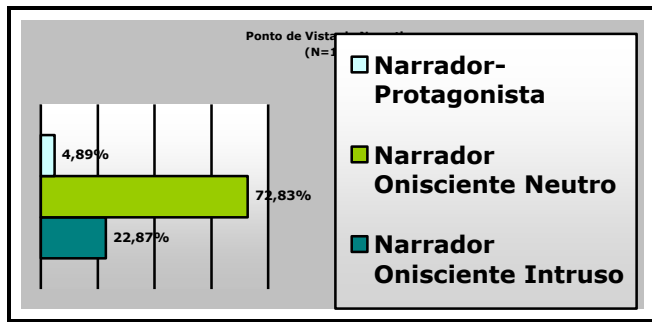


Gráfico 4- *Ponto de Vista da Narrativa nos intróitos de Boca do Inferno*
Nos Intróitos, os resultados para o ponto de vista da narrativa foram:

- **narrador onisciente neutro**, codificado com $134/184=72,83\%$;
- **narrador onisciente intruso**, codificado com $41/184=22,87\%$;
- **narrador-protagonista**, codificado com $9/184=4,89\%$.

Esse fator objetivou correlacionar os tipos de narrador às pessoas do discurso e examinar o grau de envolvimento desse narrador. Em face do resultado apurado, observa-se que o narrador onisciente neutro apresentou um índice mais elevado (**72,83%**) em relação aos demais tipos analisados, pois o narrador nessa parte da obra figura como um contador de histórias, que narra os fatos ocorridos.

Diante dos resultados, observa-se que o objetivo foi atingido, pois houve correlação entre tipo de narrador codificado nos Intróitos (onisciente neutro) com pessoa do discurso (3ª p.).

No excerto (4), tem-se exemplo do narrador de 3ª p. onisciente neutro:

- (4) “Os conspiradores conheciam bem os hábitos de Francisco de Teles de Menezes. Sabiam que certos dias da semana, ao nascer do sol, o alcaide-mor da cidade da Bahia costumava sair de casa para fornicar uma barregã. Comentavam com sarcasmo que o alcaide era impotente e queria aproveitar sua ereção matinal. Ou talvez precisasse, para excitar-se, do silêncio das ruas, naquela hora em que todos, mesmo os boêmios e os vagabundos, dormiam. Ou então, quem sabe, gostasse do hálito morno e da carne combalida que as meretrizes tinham a final da noite. [...]” (MARIANA, 1989, p. 21)

(6) PONTO DE VISTA DA NARRATIVA

(narrador onisciente intruso, narrador onisciente neutro, narrador-testemunha, narrador-protagonista, onisciência seletiva múltipla e onisciência seletiva)

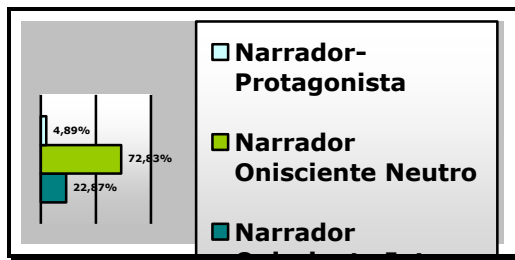


Gráfico 6- Ponto de Vista da Narrativa nos intróitos de *Boca do Inferno*

Nos Intróitos, os resultados para o ponto de vista da narrativa foram:

- **narrador onisciente neutro**, codificado com $134/184=72,83\%$;
- narrador onisciente intruso, codificado com $41/184=22,87\%$;
- narrador-protagonista, codificado com $9/184=4,89\%$.

Esse fator objetivou correlacionar os tipos de narrador às pessoas do discurso e examinar o grau de envolvimento desse narrador. Em face do resultado apurado, observa-se que o narrador onisciente neutro apresentou um índice mais elevado (**72,83%**) em relação aos demais tipos analisados, pois o narrador nessa parte da obra figura como um contador de histórias, que narra os fatos ocorridos.

Toda a narrativa que compreende essas partes foi narrada em 3ª p., marca de neutralidade, pois o narrador se limita a contar os fatos, sem tecer comentários. Essa situação de distanciamento e de imparcialidade é constitutiva do discurso da História. Mas, no romance *Boca do Inferno*, esse distanciamento se apresenta entremeado à narrativa ficcional, já que essa obra tende para uma narrativa metaficcional historiográfica (cf. MORAIS, p. 98).

Diante dos resultados, observamos que o objetivo foi atingido, pois houve correlação entre tipo de narrador codificado nos Intróitos (onisciente neutro) com pessoa do discurso (3ª p.).

No excerto (5) tem-se o exemplo do narrador de 3ª p. onisciente neutro:

- (5) “Os conspiradores conheciam bem os hábitos de Francisco de Teles de Menezes. Sabiam que certos dias da semana, ao nascer do sol, o alcaide-mor da cidade da Bahia costumava sair de casa para fornicar uma barregã. Comentavam com sarcasmo que o alcaide era impotente e queria aproveitar sua ereção matinal. Ou talvez precisasse, para excitar-se, do silêncio das ruas, naquela hora em que todos, mesmo os boêmios e os vagabundos, dormiam. Ou então, quem sabe, gostasse do hálito morno e da carne combatida que as meretrizes tinham a final da noite. [...]” (MARIANA, 1989, p. 21)

(7) POSICIONAMENTO ENUNCIATIVO DO NARRADOR

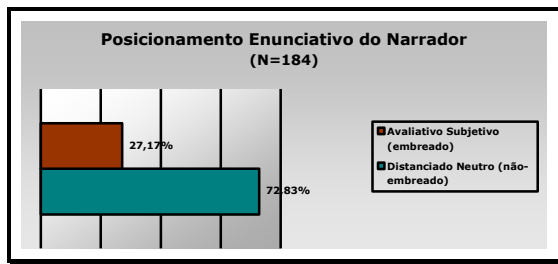


Gráfico 7- Posicionamento enunciativo do narrador nos intróitos de *Boca do Inferno*

As análises demonstraram a preponderância do posicionamento neutro não-embreado ($134/184=72,83\%$), que relato os fatos com imparcialidade. Novamente, o objetivo proposto foi alcançado, uma vez que se pretendia mensurar o grau de envolvimento do narrador. Tal posicionamento enunciativo do narrador se correlaciona com o ponto de vista da narrativa, codificado com índices relevantes (72,83%).

- Narrador onisciente neutro:

- (6) “Os conspiradores conheciam bem os hábitos de Francisco de Teles de Menezes. Sabiam que, certos dias da semana, ao nascer do sol, o alcaide-mor da cidade da Bahia costuma sair de casa para fornicar uma barregã. Comentavam com sarcasmo que o alcaide era impotente e queria aproveitar sua ereção matinal. Ou talvez precisassem para excitar-se, do silêncio das ruas, naquela hora em que todos, mesmo os boêmios e os vagabundos, dormiam [...]”. (MIRANDA, 1989, p. 21.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início, o propósito era encetar uma pesquisa sobre a temporalidade verbal para além das discussões gramaticais, para além do nível frasal, propondo uma interface entre a Literatura e a História. Por isso, escolhi a obra *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, por tratar-se de um gênero – o romance histórico - caracterizado como uma metaficção historiográfica que possibilitaria o estudo da expressão da temporalidade verbal no entrelaçamento do discurso ficcional e do histórico.

Ao me propor desvendar a expressão da temporalidade nos painéis históricos, em que atuam tanto personalidades históricas, citadas ou integrando o pano de fundo das narrativas, ou personagens fictícias atuando na ambiência histórica recriada, pude melhor compreender, no dizer de Maingueneau, o quanto, no romance de cunho histórico, o mundo real que a obra pretende representar como um mundo exterior a ela só é, de fato, acessível através do universo discursivo instituído pela obra e através do discurso oblíquo que mantém sobre ele.

Sendo assim, pude conceber o TEMPO constituído a partir de eventos e suas relações, um tempo que depende da posição do observador, da simultaneidade, da sucessividade, anterioridade ou posterioridade dos eventos, da sua dimensão com respeito a um observador, a um ponto de vista, histórico e ideologicamente situado, tomado como um sistema de referência, dentro do qual a

expressão temporal se engendra. É nesse sentido que entendemos que o verbo é a categoria gramatical que mais comumente assume a tarefa de situar historicamente o tempo e o processo da comunicação.

É, portanto, com base nesse recorte de focalização que passamos a apresentar os aspectos mais relevantes da pesquisa empreendida.

O estudo sobre a expressão da temporalidade no romance *Boca de Inferno*, de Ana Miranda, teve como objetivo analisar o tempo como categoria verbal e a sua projeção discursiva na narrativização, à luz da teoria discursiva da temporalização, examinando a instalação do tempo no enunciado, a demarcação no posicionamento enunciativo, a mensuração do grau de envolvimento do narrador foi codificada através de enunciados não embreados, refletindo tendência de distanciamento e imparcialidade por parte do narrador, uma das características do romance histórico, herdada do discurso da História

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confessions**. Paris: Les Belles Letres, t.2. 1989.

AGUIAR, Flávio et al. (Org.). **Gêneros de fronteira**: cruzamentos entre o histórico e o literário. São Paulo: Xamã, 1987.

ARISTÓTELES. Poética. In: ____. **Os pensadores**: Aristóteles. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999. p. 37-75.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral II**. Campina: Pontes, 1989.

_____. **Problemas de lingüística geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 1999.

CÂMARA JR., Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CUNHA, Celso Ferreira; CINTRA, Luiz Filipe Lindley. **Gramática contemporânea da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ENCICLOPÉDIA Britannica do Brasil, 2007, p. 3. Disponível em <<http://orbita.starmedia.com/~stargate2/romance.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2007

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998a.

FRIEDMAN, Norman. Point of view in fiction, the development of a critical concept. In:

_____. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 1997.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Termos-chave da análise do discurso**. Tradução Márcio Venício Barbosa e Maria Emilia Amarante Torres Lima. Belo Horizonte:UFMG. 2001b.
MIRANDA, Ana. **Boca do Inferno**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MORAIS, Eunice de. **Boca do Inferno**: narrativa com duplo centro e narrador bivocal. *Revista Letras*, URPR, Curitiba, n. 60, p. 95-110, jul./dez. 2003.

NUNES, Benedito. **O tempo na narração**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic**. New York, Macmillan, 1947.

_____. **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas/SP: Papyrus, 1997b.

SILVA JÚNIOR, Renato Otero. **Galvez Imperador do Acre**: o discurso do romance e a ficcionalização da história. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras)_Faculdade de Letras. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS. 2006.

SIMONIN-GRUMBACH, J. Pour une typologie de discours. In: KRISTEVA, J. et al. **Langue, discours, société**. Paris: Seuil, 1975. p. 82-121.

WEINHARDT, Marilene. As vozes documentais no discurso romanesco. In: FARACO, C. A. et al. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

WEINRICH, Harald. **Estructura y funcion de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos, 1968.